

Educação infantil: janela de oportunidades para a aprendizagem de uma língua estrangeira



Anna Carolina Guimarães

Psicopedagoga, autora de material didático, especialista em gestão de instituições de ensino, neuropsicopedagoga e coordenadora pedagógica da Editora Opet

A legislação brasileira prevê o ensino de língua estrangeira como parte integrante para a formação do aprendiz apenas a partir do 6º ano do ensino fundamental. Entretanto, muitas escolas, antes de quaisquer exigências por parte do poder público, têm iniciado o ensino de línguas estrangeiras já na educação infantil. Essa demanda advém da percepção da predisposição que as crianças dessa etapa têm para a aquisição de uma língua estrangeira. E essa não é somente uma concepção do senso comum: estudiosos vêm revelando que o cérebro humano é geneticamente capacitado para desenvolver a linguagem.

Entre os neurocientistas, há certa unanimidade em torno da importância dos primeiros anos de vida na aprendizagem da linguagem. Descobertas recentes nos revelam que, ao nascer, um bebê possui 100 bilhões de neurônios, a maioria dos quais ainda não estão conectados uns aos outros no momento do nasci-

mento. As conexões neurais, denominadas *sinapses*, serão formadas fora do útero, em resposta à interação com o ambiente. É aí que se dá a magia: lá pelos 2 anos de idade, o número de sinapses no cérebro do bebê é igual ao de um adulto; aos 3, é quase o dobro, e o cérebro torna-se denso. Esse número permanece estável até os 10 anos, idade em que se inicia um processo gradual de “poda” das sinapses.

Ao final da adolescência, metade das sinapses desaparece, restando 500 trilhões, número que ficará praticamente estável por toda a vida adulta. Essa poda é um processo de seleção que determinará a forma do cérebro na vida adulta; as conexões que não foram utilizadas repetidamente são descartadas, enquanto as usadas com frequência permanecem. Isso significa que, até os 3 anos de idade, a criação de sinapses é maior que a perda. Na adolescência, esse processo se inverte, e a perda de sinapses supera a criação de novas.



©Fertnig/Stockphoto

Elissa Newport, diretora do Centro de Plasticidade Cerebral e Recuperação da Georgetown University, relatou que a janela de oportunidades para aquisição linguística começa a se fechar aos 6 anos de idade e que "ouvir mais de uma língua na infância torna mais fácil para as crianças perceberem as distinções entre fonemas dessas línguas mais tarde". Estudos comprovam que crianças que aprendem uma segunda língua não desenvolvem o sotaque característico de estrangeiro, porque os neurônios e sinapses disponíveis para aquisição da linguagem estão prontos para aprender as mais suaves nuances da pronúncia. Essa aprendizagem torna-se mais difícil a cada ano que passa, devido à poda sináptica, como explicado anteriormente.

Entretanto, a mera exposição à língua não garante sua aquisição. Para isso, é necessário que a criança participe ativamente de situações culturais organizadas de forma intencional. Assim, o ensino da língua estrangeira na educação infantil deve respeitar as práticas pedagógicas dessa etapa de desenvolvimento, utilizando a mesma linguagem empregada para ensinar a língua materna. As aulas de inglês devem apresentar uma estrutura que privilegie o lúdico, a sala de aula deve ser organizada de forma que as crianças possam observar a articulação dos lábios do professor ao falar, que favoreça as rodas de conversa, as leituras de histórias, as brincadeiras, as dramatizações e o trabalho com música. É necessário ter em mente que o maior objetivo é que as crianças gostem da nova língua e consigam usar o idioma-alvo em situações contextualizadas com a própria realidade.

O professor de língua estrangeira na educação infantil será o principal mediador da aprendizagem e deverá planejar as aulas de acordo com as capacidades cognitivas e os interesses dos alunos; portanto, terá de conhecer os estudos do desenvolvimento cognitivo dessa etapa. Para que tenha sucesso, o professor deve planejar as aulas e levar em consideração alguns critérios:

- Prever várias atividades curtas, pois os momentos de atenção das crianças não duram muito (média de 5 minutos).
- Falar em inglês sempre que possível, de forma natural, utilizando o vocabulário-alvo.
- Repetir várias vezes o vocabulário trabalhado, sempre fazendo gestos, mímica ou mostrando a imagem referente à palavra, para que os alunos a associem com o significado.
- Não corrigir demais a pronúncia. Após ouvir várias vezes, os alunos acabam pronunciando corretamente.
- Dar os comandos na língua-alvo, inserindo a tradução no meio da repetição da instrução e retirando-a ao perceber que a turma compreende.
- Iniciar e terminar a aula sempre da mesma forma, com uma música, saudação ou despedida. A rotina ajuda a criança dessa etapa a perceber a passagem do tempo.
- Sempre que possível, retomar os conceitos já aprendidos, de forma que os alunos possam revisitá-los no decorrer dos anos da educação infantil e transformar essa aprendizagem em memória de longo prazo.

O mais importante, em uma aula de língua estrangeira, é ter em mente que a motivação é a chave para que as crianças continuem interessadas e construam um vínculo afetivo com o professor. O planejamento preparará o docente para resolver situações relativas tanto aos aspectos linguísticos – dificuldades de compreensão ou de articulação – quanto aos aspectos pedagógicos – disponibilidade para a aprendizagem, agitação etc., respeitando o desenvolvimento biopsicossocial da criança. ■